

Boletim

Resumo da
cobertura dos
principais
jornais do Brasil



Estado de S. Paulo
Folha de S. Paulo
O Globo

n.1, maio 2017



MANCHETÔMETRO

O Boletim M é uma publicação mensal do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP), responsável pelo projeto Manchetômetro.

Expediente

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP

Coordenação

João Feres Júnior

Técnico

André Félix

Consultoria

Fernando Guarnieri

Estagiárias(os)

Juana de Oliveira Lorena
Guilherme Lopes Rodrigues
Leonardo Nóbrega da Silva
Mariane Costa Matos
André Lima Madruga

Pesquisadoras(es)

Eduardo Barbabela

Capa e diagramação

Juliana Lemos da Silva

Marcia Rangel Candido

Lidiane Rezende Vieira

Foto de capa

Luna de Oliveira Sassara

Beto Barata/PR

Marcia Rangel Candido

Natasha Bachini Pereira

Vinicius Silva dos Santos

Pesquisadoras associadas

Eliara Santana

Giovana Felix Teodoro

Patrícia Bandeira de Melo

MANCHETÔMETRO



Boletim M / maio 2017

Neste primeiro número do Boletim M, apresentamos o balanço da cobertura jornalística que os grandes jornais impressos brasileiros fizeram da política em um mês altamente conturbado. Utilizamos como metodologia de trabalho salientar os principais temas da cobertura ao longo do período, Reformas e o escândalo JBS, e fazer uma análise do enquadramento que os jornais deram a esses temas, prestando atenção também a alguns aspectos quantitativos, como o número de manchetes e chamadas dedicadas a cada tema. Os resultados vão a seguir:

1. Reformas

Desde que assumiu a presidência em caráter interino, Michel Temer reclamou como agenda prioritária de seu governo reformas em áreas sensíveis como a legislação trabalhista e a Previdência Social. A ONG Repórter Brasil produziu levantamentos acerca do posicionamento da grande mídia em relação à Reforma da Previdência e à Reforma trabalhista. Vejamos o que os dados do Manchetômetro tem a dizer sobre a cobertura do tema durante o mês de maio no jornal Folha de S.Paulo, Estado de S.Paulo e O Globo.

Folha de S.Paulo

Ao longo do mês, o tema das reformas esteve presente 17 vezes nas capas da Folha de S.Paulo, 3 na manchete do jornal. Nesses textos foram descritos os estágios de negociação dos projetos, com destaque para a capa do dia 10, que apresenta os resultados de uma pesquisa revelando alta rejeição popular à Reforma da Previdência. No dia 4, a notícia foi de avanço da proposta após revisão de aspectos sensíveis como a idade mínima para a aposentadoria. O texto da capa destacou que as alterações diminuíram as expectativas de economia nos gastos públicos. No dia 16, o andamento das negociações com o Congresso – que tentava aprovar um programa para regularização de dívidas de empresas com o fisco em troca de apoio na aprovação da Reforma da Previdência – foi apresentado como uma derrota do Governo Federal e de Michel Temer. O tom de desaprovação era claro em frases como “Temer cedeu”, e “o governo cedeu”. O assunto também apareceu em manchetes secundárias de capa, que denominamos chamadas, em 14 oportunidades.

Nelas, foi apresentado o andamento das tramitações das reformas, com ênfase às concessões feitas pelo Governo Temer ao longo do percurso na Reforma da Previdência, e aos embates ocorridos entre parlamentares na discussão sobre a reforma trabalhista.

Já os editoriais da Folha de S.Paulo do mês de maio trataram das reformas 17 vezes, e foram unânimes ao apresentá-las como estratégia essencial para que a recuperação econômica do país. Em outras palavras, a militância do jornal em prol das reformas foi tamanha que o levou a publicar mais de um editorial a cada dois dias.

Diante da ampla rejeição popular dos projetos revelada em pesquisa do Instituto Datafolha, os editores lançaram mão de uma antiga retórica para lidar com a opinião pública controversa: a falta de conhecimento do povo sobre o assunto. Isto é, para a Folha o resultado da pesquisa revela uma classe política desmoralizada, que não cumpre seu papel de “esclarecer a população sobre o imperativo de tais medidas”; consequentemente, a população as rejeita por desconhecimento, não por convicção contrária ao seu conteúdo. Após o escândalo que abalou o governo de Temer, e com a possibilidade mesmo do afastamento do peemedebista, a Folha passou a enfatizar os atrasos nas reformas liberalizantes como sendo muito deletérios à economia nacional, defendendo a manutenção da agenda mesmo em caso de remoção do presidente.

Estado de S.Paulo

O Estado de S.Paulo foi o veículo que concedeu maior centralidade ao tema das reformas. Elas foram citadas em 7 manchetes durante mês de maio – ou seja, foram consideradas o tema mais importante em ¼ das edições do mês. Além de notícias acerca da tramitação e das negociações dos projetos no Congresso, dos atrasos em decorrência da crise política e das manifestações organizadas por opositores das propostas, em duas das manchetes, membros do governo defendem as medidas: no dia 7, a fala de Henrique Meirelles foi estampada na manchete (“Não se muda Previdência sem controvérsia”), e no lide, abaixo, o ministro afirma que “o que está em jogo hoje não é somente a questão de em que idade a pessoa vai se aposentar, mas principalmente a garantia de que todos vão receber a aposentadoria”; já no dia 14, dois dias após o aniversário de um ano do governo de Michel Temer, abaixo da manchete (“Temer condiciona sucesso de sua gestão à redução do desemprego”), o próprio presidente teve espaço para comentar, também no lide, que “a aprovação das reformas trabalhista e da Previdência será muito importante para a retomada do emprego”. Além das manchetes, foram 43 chamadas citando as reformas nas capas do jornal – dado que dá a dimensão da relevância do tema para esse jornal paulista. Ou seja, se juntarmos manchetes e chamadas, temos o número impressionante de 50 referências às reformas em um

intervalo de 31 dias, quase duas por dia.

Além das negociações e a tramitação dos projetos, chamam atenção as notícias opinativas sobre a necessidade das reformas, assinadas tanto por empresários quanto por especialistas, e o tom alarmante com que elas foram tratadas. O Estadão parece estar dando como certa a aprovação da Reforma da Previdência, tanto que lançou no dia 7 de maio uma calculadora para que o leitor consulte como “fica” sua aposentadoria antes e depois da reforma, além de mostrar o quanto é preciso economizar para “garantir um futuro mais tranquilo”.

Nos editoriais, o tema das reformas liberalizantes aparece 35 vezes. O enquadramento adotado pelo jornal as defende como indispensáveis e urgentes. A necessidade de uma reforma na Previdência, por exemplo, é apresentada como ponto pacífico em editorial do dia 16, não havendo espaço para opiniões divergentes. Também são constantes os elogios à atuação do Governo Federal no que se refere à proposição e à tramitação dos projetos no Legislativo.

O Globo

Ao longo do mês de maio, o tema das reformas apareceu em 6 manchetes do jornal O Globo. Elas destacaram a tramitação dos projetos no Congresso Nacional e também as manifestações de movimentos sociais que a elas se opõem. Já nas chamadas, o tema esteve presente 20 vezes. Além da tramitação, os textos advogam a necessidade e a urgência da aprovação das reformas, mesmo após vir a público a polêmica delação premiada de Joesley Batista, que colocou em xeque a permanência de Michel Temer na presidência – exceção seja feita à chamada para texto de opinião de José Paulo Kupfer publicado no dia 19 de maio, no qual se lê que a “Crise abre chance de tornar mais equilibradas as reformas”.

Nos editoriais, as reformas foram tratadas 10 vezes durante o mês de maio. Nesses textos fica ainda mais clara a defesa incondicional das reformas, sem as quais, segundo O Globo, “o país não terá horizonte positivo previsível”. Mesmo no editorial “A renúncia do presidente”, do dia 18 de maio, no qual o jornal se dedicou a pedir publicamente que Michel Temer deixasse o cargo após o vazamento informações sobre a delação premiada de Joesley, o leitor também encontra a pontificação de que “as reformas são essenciais para a estabilidade política, para a paz social e para o normal funcionamento das instituições”. Em outro editorial, a Previdência é acusada de produzir injustiças sociais.

2. O escândalo JBS

É indiscutível: a delação premiada negociada entre os executivos da JBS e o Ministério Público no âmbito da Operação Lava Jato foi o tema mais relevante do noticiário político no mês de maio. Seu conteúdo, envolvendo grandes nomes da política nacional, ficou conhecido na tarde do dia 17, por meio do furo de reportagem dado pelo jornalista Lauro Jardim, em sua coluna no site do jornal O Globo. A partir do dia seguinte, o escândalo foi tema de praticamente todas as manchetes de Folha de S.Paulo, O Globo, e Estado de S.Paulo até o fim de mês. Mas ainda que o tema tenha sido uma unanimidade no agendamento dos três veículos, tanto o enquadramento das notícias quanto os posicionamentos editoriais adotados pelas empresas foram bastante díspares. É o que comentaremos a seguir.

Folha de S.Paulo

As manchetes das 14 edições publicadas pela Folha de S.Paulo em maio desde a eclosão do escândalo estavam relacionadas a Temer e a implicações do escândalo com a JBS. Entre os temas tratados tivemos as estratégias da defesa de Temer, o posicionamento do Procurador-Geral Rodrigo Janot e os encaminhamentos dados ao inquérito pelo Ministério Público. Ainda que tenham sido utilizadas palavras duras para definir a situação do presidente, que estaria “acuado” e de seu governo, encurralado pela delação, o áudio em que Joesley e Temer falam sobre Cunha é apresentado ao leitor como “inconclusivo”. Já no dia 23, a manchete retratou o resultado de uma perícia encomendada pela defesa de Temer, que classificou o áudio como “imprestável”. As manchetes trataram também dos protestos contra Temer e da substituição do deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR) pelo advogado Torquato Jardim no Ministério da Justiça. O objetivo da mudança teria sido, segundo o jornal, “melhorar interlocução com tribunais” a nove dias do início do julgamento de cassação da chapa Dilma-Temer pelo TSE. Em momento algum foi apresentada a tese alternativa de que Temer estaria nomeando Serraglio, deputado do Paraná, para garantir que Rocha Loures (PMDB-PR), seu assessor altamente implicado nas gravações e em vídeos em que aparece carregando malas de dinheiro, não voltasse à suplência, perdendo o foro privilegiado e se tornando ele mesmo um potencial delator – apesar de a consequência ter sido citada.

Nas capas da Folha, houve também 76 chamadas dedicadas ao escândalo e suas consequências. Nelas, lê-se críticas ao Procurador-Geral Rodrigo Janot, por conta dos benefícios concedidos no acordo de delação, mas também lhe é concedido espaço para respondê-las. O mesmo ocorreu com o Senador Aécio Neves, citado em 11 textos de capa, que até então era colunista da Folha: houve espaço para denúncias, mas também

para críticas à Operação Lava-Jato no episódio das gravações de conversas de sua irmã, Andrea Neves, e também para a defesa do tucano, que disse ser “vítima de uma armação criminosa”.

O escândalo despertou mal-estar entre a Folha de S.Paulo e seu concorrente carioca, responsável pelo furo das gravações envolvendo Temer e Aécio. Nas chamadas da Folha, houve espaço para críticas ao posicionamento da Rede Globo, acusada de precipitar-se em seus julgamentos sobre o caso. Houve também espaço para que Ali Kamel, diretor de jornalismo da emissora, defende-se seu trabalho argumentando que a “posição da Globo é a de quem não tem lados”.

O presidente é impopular, mas aprova reformas imprescindíveis: esse é o diagnóstico da Folha a respeito de Michel Temer em seus editoriais. A cobertura do escândalo nesta seção distingue cuidadosamente seus aspectos jurídicos, especialmente a alegada inconsistência das provas, do político, onde narra-se uma crise que pode “comprometer a capacidade de governar”. O jornal rechaça com veemência a propriedade dos encontros de Temer com o empresário, mas questiona a veracidade das gravações, uma vez que estas não teriam sido periciadas. Por outro lado, em meio a um turbilhão de acontecimentos que enfraquecem o governo de Temer, como as manifestações populares, a Folha reafirma em editorial ser o presidente um “político reconhecidamente habilidoso”, saudando-o por seu sucesso no avanço das reformas.

Quanto aos desdobramentos da crise, a Folha posicionou-se contra decisões do Planalto, como a escolha do novo ministro da justiça, além de publicar ilações a respeito da mudança ter como objetivo a consecução de benefícios no processo em curso no TSE, devido à familiaridade de Torquato com o tribunal. Por fim, o diagnóstico dado ao governo é de que este não tem sido capaz de governar, mas somente de cuidar de sua sobrevivência imediata. O jornal paulista dedicou um editorial ao diagnóstico da “derrocada” de Aécio Neves.

Estado de S.Paulo

O Estadão publicou 103 textos de capa a respeito do escândalo e da crise política por ele causada, 14 deles manchetes. Alguns enquadramentos acerca do caso foram bastante proeminentes nesses textos. 18 deles foram contrários a Michel Temer e a seu governo – algo que não causa estranheza devido à gravidade das acusações que pesam contra o peemedebista. Não faltaram, porém, críticas à própria Operação Lava Jato: foram 15 textos contrários ao Ministério Público e ao Judiciário, tanto no que se refere ao vazamento do conteúdo das delações quanto aos benefícios concedidos aos

empresários da JBS no acordo de delação – análises de um recorte temporal mais extenso, a serem feitas em breve, permitirão identificar se isso representou uma alteração no padrão de cobertura dessas instituições.

Os efeitos deletérios da crise política para a economia nacional apareceram em 13 oportunidades. Foi concedido espaço também para a defesa da presidência, do governo e da legitimidade do Congresso Nacional para a eleger um novo presidente em caso de um possível afastamento de Michel Temer: um total de 12 dos textos. Destacamos a manchete do dia 21, “Fui vítima de bandidos quearam o País”, diz Temer”, constituída do próprio contraditório do que saquearam o País’, diz Temer”, constituída do próprio contraditório do peemedebista, e a chamada “Michel Temer – Palavras necessárias”, sobre artigo de opinião escrito pelo próprio Temer e publicado na segunda página da edição do dia 22.

Por fim, em 9 textos a continuidade das reformas e das políticas de austeridade são colocadas em primeiro lugar, em detrimento dos debates acerca de quem será o ocupante da cadeira presidencial. Os outros textos trataram de acusações contra outros políticos, bem como de reações ao escândalo no governo e no Legislativo. As acusações contra Aécio Neves, então senador e presidente do PSDB, figuraram 5 vezes nas capas do jornal, uma delas no texto abaixo da manchete.

Nos editoriais, o jornal não deixou de se posicionar acerca do escândalo. Foram 19 textos comentando o caso e suas repercussões. Neles, o Estadão não apenas defendeu Michel Temer, sob o argumento de que os áudios revelados eram inconclusivos, como desferiu duras críticas à força-tarefa da Operação Lava Jato, seja pelos vazamentos, pelos termos da delação premiada dos empresários da JBS, ou pelo posicionamento público de integrantes da equipe.

Temer também foi poupadão de críticas no episódio da substituição do ministro da Justiça: segundo o jornal, “não há nenhum motivo para suspeitar” que a mudança tenha tido por objetivo interferir em processos aos quais o presidente responde ou mesmo na Lava Jato. O jornal também aconselha o peemedebista a preocupar-se em não dar a impressão de que suas atitudes visam somente garantir sua permanência no cargo.

Foram feitas críticas ao próprio funcionamento do Ministério Público, que seria uma instituição pouco republicana devido ao fato de não estar submetida ao mesmo sistema de freios e contrapesos que controla os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. O jornal também rechaçou as demandas por eleições diretas sob o argumento, um tanto

obtuso, diga-se, de que eleições diretas “não conferem legitimidade automática aos eleitos”.

É digno de nota também que Aécio Neves, candidato apoiado pelo Estadão em 2014, só tenha citado em 3 dos editoriais: um que se dedicou a criticar o vazamento de conversas entre sua irmã Andrea Neves e o jornalista Reinaldo Azevedo, um que acusava a Lava Jato de estar cometendo um abuso interpretativo ao acusá-lo de tentativa de obstrução de justiça; e um terceiro em que ele é apenas mencionado, já que o texto tinha como objeto principal o procurador Deltan Dallagnol, duramente criticado. No mesmo universo de editoriais, 6 deles citaram o ex-presidente Lula, que é chamado não apenas de “populista”, como de “demiurgo de Garanhuns”, “chefão petista”, e até “autor da crise”, já que, segundo o Estadão, “tudo o que de ruim se passa no Brasil converge a Lula”.

O Globo

Nas 14 manchetes dedicadas por O Globo ao escândalo e seus desdobramentos, o jornal dispensou tratamento extremamente contrário a Temer, sempre com destaque para o conteúdo das gravações e às estratégias de defesa adotadas pelo político. Lê-se que Temer está “isolado”, que perdeu apoios e que “não quer responder à PF sobre áudio”. Os enquadramentos adotados nas 71 chamadas sobre o assunto publicados pelo jornal O Globo foram bem menos diversos que os da Folha de S.Paulo e do Estadão. Além das notícias genéricas sobre o andamento do inquérito, Temer foi o alvo preferencial das chamadas. O jornal publicou na capa textos que acusam o peemedebista de ter perdido as condições de continuar na presidência e de ter perdido a noção de certo e errado, sua defesa é desqualificada, e ele tem seu nome associado a Tadeu Filippelli, preso em outra operação da Polícia Federal e apresentado como “assessor do presidente”.

Além disso, há destaque para o ato ocorrido no Rio no dia 28 – é importante frisar que este foi apresentado como ato “pela renúncia”, na chamada, e só se esclareceu que a demanda seria também por eleições diretas no lide, o texto em letras menores abaixo dela. A possibilidade de eleições diretas, convém destacar, foi rechaçada pelo jornal que afirmou que “não há saída fora da Constituição” e que essa campanha tira o foco de Michel Temer. Não houve críticas ao Ministério Público nas capas de jornal; ao contrário, Janot teve espaço para defender a importância da delação. O Globo também trouxe críticas à substituição do ministro da Justiça em uma de suas capas no mês de maio.

O jornal carioca dedicou um total de 9 editoriais ao tema escândalo da JBS. Já no dia

19, foi publicado um duro editorial contrário a Michel Temer comentando as revelações “bombásticas” do áudio, onde, segundo o jornal “o conluio do presidente com a venda de favores” foi exposto. No dia seguinte, o editorial pediu a renúncia de Temer. Se O Estadão posicionou-se favoravelmente a Temer e a Folha criticou o peemedebista, mas desqualificou as evidências apresentadas pelo Ministério Público, o jornal O Globo publicou, no dia 21, a assertiva: “Temer de fato estimulou o empresário a continuar a dar mesadas aos encarcerados Eduardo Cunha e Luís Funaro, operador financeiro do ex-deputado.”

Temer também foi criticado em razão da escolha de um ministro da Justiça sabidamente crítico à Lava Jato. As contrapartidas oferecidas pelo Ministério Público aos donos da JBS no acordo de delação foram consideradas exageradas também pelo jornal carioca e o Supremo acusado de divulgar conversa entre jornalista e fonte, mas as críticas à Operação pararam por aí. Ao contrário, falas como a de Gilmar Mendes, que se mostrou favorável ao reexame da decisão tomada pelo STF que permite a prisão em segunda instância, são apresentadas como ameaças à Operação. O Globo também aproveitou o espaço editorial para defender a continuidade das reformas, mesmo na situação de fragilidade em que se encontra o governo.

Conclusão

No mês de maio de 2017 assistimos a um fato inédito da história recente da grande mídia brasileira. Os veículos romperam sua atuação em bloco e tomaram rumos distintos em relação ao presidente Michel Temer. Desde que começamos a coletar dados sobre a grande mídia, no começo de 2014, os grandes jornais têm sido coerentes em demonstrar um enorme viés contra o PT, Lula e Dilma, e um apoio sólido a pautas neoliberais no âmbito da economia. A delação de Joesley provocou uma ruptura. O Globo, o jornal que deu o furo, deu uma volta de 180 graus em seu posicionamento e passou a atacar Temer, pedindo inclusive sua renúncia em editorial; o Estadão permaneceu na defesa do presidente, questionando inclusive a veracidade das provas produzidas pelos delatores e o MP; já a Folha assumiu uma posição mais “em cima do muro”. Tais perfis díspares podem ser facilmente constatados ao consultarmos o site do Manchetômetro.

No entanto, os três jornais continuaram no apoio serrado às reformas neoliberais propostas pelo Governo, mesmo que pesquisas de opinião tenham mostrado seu caráter fortemente impopular. As notas patéticas do mês ficaram a cargo de editorial da Folha, que atribui essa impopularidade à ignorância do povo, dos comentaristas de O Globo, que da noite para o dia mudaram completamente de opinião, do apoio ao

presidente à sua detração, como em um passe de mágica, e do editorial do Estadão, que desafia a Teoria Política ao afirmar que eleições diretas não conferem legitimidade automática aos governantes eleitos.

Ainda que tenha sido acusado de corrupção em delações mais de 6 vezes somente no ano passado, Aécio Neves foi somente agora objeto de cobertura fartamente negativa, em todos os jornais. Mas mesmo assim, seus novos críticos lhe são leves e altamente generosos, permitindo-lhe amplo espaço de defesa – como no artigo de despedida da coluna da Folha.

O dado mais chocante de toda a cobertura fica por conta do agendamento enviesado feito pelos três jornais, que ignoraram solenemente o fato de que na gravação divulgada de conversa entre Aécio e o senador José Perrella, seu amigo pessoal e aliado, o senador declara que “não faz nada de errado, só trafica drogas”. Este Perrella foi o mesmo que teve um helicóptero de sua propriedade apreendido pela Polícia Federal com 445 quilos de pasta base de cocaína, em novembro de 2013. Aparentemente, tal pista não estava a altura dos dotes investigativos da grande imprensa brasileira.